

# O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,  
Em que o Sol pelos campos dilatados  
Com terrível e fera galhardia  
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL, DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os surs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno ..... 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os anuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes ..... 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes ..... \$780
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

**BARCELLOS 15 DE FEVEREIRO.**

Seja qual fôr a intenção que determinára o proposito que segue a opposição parlamentar, apreciamos o facto em si mesmo, e vemos n'elle uma manifestação de progresso na vida constitucional deste paiz, e tambem, até certo ponto, uma prova—de que a opinião publica imparcial, começa a influir poderosamente nas cousas publicas, a despeito das paixões partidarias—.

Não é para fazer ou desfazer governos, substituindo uns a outros nomes, que o paiz manda ás Côrtes os seus representantes. Os povos ensinados por continuadas decepções a descrêr da politica de nomes proprios, querem apalpar e sentir os beneficios da governação; e a representação nacional para ser fiel, deve curar mais dos meios de governo, que das individualidades que o constituem.

A opposição parlamentar é um bem, quando representa certa ordem de principios economicos ou politicos, que advoga no campo da

argumentação racional, servindo ao mesmo tempo de contrapeso, para impedir as demasias do poder, e obrigar-o a não se apartar do caminho legal.

Quando a opposição assim constituida triumpho, comprehende-se esse triumpho; porque não é dos homens, é das idéas e principios que elles sustentam e proclamam.

Tudo o que não é isto, são evoluções partidarias, que não podem authorisar-se com razões d'interesse nacional, e que mais prejudicam do que servem a causa publica.

Uma opposição facciosa e systematica, pôde vingar os seus propositos e conquistar o poder; porém o que não pôde, é justificar-se depois com uma razão d'existencia que lhe dê a força moral indispensavel, para traduzir na pratica, como governo, as doutrinas e principios que professava como opposição.

A actual opposição parlamentar, pôde, na posição em que se collocou, prestar grande serviço

ao paiz, concorrendo para que as importantes reformas, que pedem da approvação do poder legislativo, esclarecidas e aperfeiçoadas por uma discussão serena e illustrada, satisfaçam as momentosas necessidades publicas, que as reclamam e aconselham.

Fóra da região dos principios, todo o debate é perda de precioso capital, o tempo, muito grave para este paiz, que mal entrado no caminho das reformas, e da sua organização economica, carece do concurso e da boa vontade de todos, para não parar, porque na estrada do progresso — parar é morrer — como disse já um dos nossos estadistas contemporaneos.

O Senhor D. Pedro V., quando visitou o Alemtéjo, disse: «Vi elementos poderosos de desenvolvimento economico, creados ou em caminho de o serem; não vi nexo entre elles»

São expressão da verdade estas palavras, não só com relação ao Alemtéjo, mas com relação a todo o paiz.

**FOLHETIM.**

CARTA DE BERNARDO LARÉ, BARBEIRO EM GUIMARAES, A SUA PRIMA VISCONDEÇA DE BARCELLINHOS.

Minha prima Viscondessa,  
Quem n'estes dias, ausentes  
Tem de si os seus parentes,  
Deve sentir a saudade,  
A ternura a anciedade.

Eu, ó prima, tudo isto  
Sinto no meu coração;  
Pois uma grande affeição  
Tenho ha já muito anno,  
A' priminha e a seu mano.

Na noite de consoada  
A sua falta senti;  
Tristes lagrimas verti  
Ao ver na meza grellinhos,  
Ovos fritos e bollinhos.

Tudo isto era d'antes  
O seu manjar favorito:  
Não fallando no góllito,  
Que o tive precioso  
De sete annos, primoroso.

Os meus freguezes, coitados,  
(Cada qual como podia)  
Me mandaram n'este dia,  
Com q' eu tivesse uma mēsa  
Igual a d'uma princeza.

Olhe, fiquei com a pança  
Que parecia um tambor!  
— E se não fosse o licor  
Do botequim da Sargenta,  
Soffreria dôr cruenta.

Quando entrei ali, ó prima!  
'Stava um barulho tremendo!  
Certos nescios mal dizendo  
De mulheres virtuosas,  
Que são mesmo puras rozas.

Outros, a homens honrados  
Alcunhavam de ladrões;  
E com seus fortes pulmões  
Gritavam a bom gritar.  
— Par'ciam cães a ladrar.

Eu fiquei atomatado  
Do que lá ouvi dizer!  
E mais ainda por vêr  
Dous ou tres homens honrados,  
Escutando os taes malvados!

E logo fiz uma jura  
De nunca mais lá pôr pé;  
E todo aquelle que é  
De — taes dôtes — inimigo,  
Deve seguir o q' eu sigo.

Saberá que aqui chegaram  
Os elegantes Simães  
Nobreza de Guimarães.  
No seu grande palacete  
Teem havido heberete.

Porém com tal rigorismo,  
Que faz lembrar o jejum;  
Pois as Damas que só um  
Homem tem por companhia,  
É que vão a tal folia;

E estas já são contadas  
Conforme o dôce e o vinho:  
De maneira, que um copinho  
Ha de chegar para tres!  
— Será sueia ou entremez?!

Alguem diz, que isto é pulbisa-o  
Junto com a parvoice;  
E eu digo que a tolice,  
Ha muito (sem ser acaso),  
E' n'aquella casa praso.

Não ha nexo entre as forças productoras e elementos de producção; e cumpre por isso, que todos, na orbita dos seus meios, empenhem esforços nos commettimentos que tendem á realisação d'uma organisação intelligente e proficua, que assente as bases regulares e estaveis d'um progressivo melhoramento.

**CORRESPONDENCIA PARTICULAR.**

PORTO 12 DE FEVEREIRO DE 1861.

Parece que as negociações entre a Companhia Utilidade Publica, e o governo, não estão muito bem paradas. Os directores da dita Companhia, Macedo Pinto, e Guilherme Augusto Machado Pereira, ainda estão em Lisboa, e apesar d'auxiliados por alguns deputados ministeraes, não tiham conseguido vencer a resistencia do ministro Avila, que reusa acceitar as condições do emprestimo, que a fallar a verdade são alguma coisa duras, pois a Companhia quer o juro de 6 1/2 por cento, penhor em inscrições, e determinar as obras a que deve ser applicado o dinheiro mutuado. Diz-se que se trabalha para chegar a um accordo, mediante a mutualidade de concessões. Bom será que assim seja, porque se as negociações abortarem, tarde se realizarão as obras, que se tiverão em vista com a formação da nova Companhia Utilidade Publica, todas em proveito das provincias do Norte.

Corre por aqui o boato de que vai activamente trabalhar-se para a organisação do partido Cartista Conservador, e que para isso só se espera a chegada do Lopes Branco. Tambem se diz que em vez do Conde de Ficalho, vem commandar a Municipal o Salvador Pinto da França. Não acreditamos que este, sendo deputado da opposição, acceite tal commissão do actual governó.

Tendo o governo transacto agraciado o Director interino da Alfandega d'esta cidade, António José Duarte Nazareth, com o grão de Commendador da Ordem de Christo, estando elle agora para se hir embora, os empregados d'aquella casa fiscal, resolveram offerecer-lhe a commenda, no acto da despedida, como manifestação da estima que lhe consagram. O Nazareth soube d'isto, e dirigio aos cinco empregados que promoviam a manifestação, uma carta, declarando-lhes que o penhorava a prova d'estima que queriam dar-lhe, porém que na firme convicção de se não affastar dos principios, que sempre seguira de não receber presente, que tinha mais ou menos relação com a sua posição official, não acceitaria

o que projectavam fazer-lhe, mas que a intenção ficava sendo para elle motivo de reconhecimento. Consta-nos que este proposito do Nazareth é invariavel. E' um empregado como raros ha.

O governador civil, Miguel do Canto, deo no sabbado o seu primeiro baile.

Foi festa esplendida e verdadeiramente aristocratica. Na reunião abundava a velha fidalguia. A variedade e excellencia do serviço de vinhos, tornou-se notavel e fallada.

O Carnaval decahio muito no Porto. Ainda se não exhibio cousa, que attrahisse reparo.

Os bailes do theatro de S. João que na qualidade de bailes publicos eram sempre os melhores, foram este anno (os dous que já houve) pouco concorridos, e sem animação. Pelas ruas tem apparecido muitos mascarados, mas vulgaridades.

Hontem foi o baile da Assembleia Portuense, e com quanto se annunciase que era de *costumes*, não appareceu lá, nem sequer um dominó!

O folgar carnavalesco democratisou-se, e é agora exclusivamente platéa.

O Porto é terra dos extremos.

Consta que o Rei D. Pedro V, praticara ultimamente um acto de grande generosidade, em favor d'um dos nossos mais conhecidos litteratos, que se acha em má situação. Por em quanto não podemos ser mais explicitos.

A construcção do tunnell, para o caminho de ferro, que na extensão de 800 metros, deve passar por baixo da Serra do Pilar, foi dada por empreitada. Os empreiteiros são d'aqui.

**CARTA REGIA.**

Doutor Basilio Alberto de Sousa Pinto, do Meu Conselho, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Lente de Prima Jubilado da Faculdade de Direito, Reitor da Universidade de Coimbra, Amigo; Lentes e mais Pessoas, que compõem o Claustro Pleno da mesma Universidade: Eu El-Rei vos Envio muito saudar.

Attendendo ao que Me foi lembrado e pedido por parte da Universidade de Coimbra, para lhe Conceder a Graça de me Declarar Seu Protector, como sempre tem sido os Senhores Reis destes Reinos;

Querendo Dar á mesma Universidade um distincto testemunho da Minha Real Consideração, pelos valiosos e eminentes serviços que ella tem constantemente prestado ao progresso das sciencias e á cultura das Letras patrias;

E Desejando Assignalar por esta honrosa Mercê o Acto Solemne, a que Me Dignei Assistir da Distribuição dos Premios aos seus mais benemeritos Alumnos; e no qual Me foi pelo Reitor da Universidade pedida aquella Graça, como Digno Representante desta illustre Corporação;

Hei por bem e Me Praz Fazer Mercê de Me Declarar Protector da Universidade de Coimbra, assim, e da maneira por que o Foram os Meus Augustos Predecessores, e na conformidade das Leis vigentes. O que Me Pareceu communicar-vos para vossa intelligencia e satisfação,

Escripta no Paço das Necessidades em 31 de Dezembro de mil oitocentos e sessenta.—REI —MARQUEZ DE LOULÉ.

Para o DOUTOR BASILIO ALBERTO DE SOUSA PINTO, do Meu Conselho, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Lente de Prima Jubilado da Faculdade de Direito, Reitor da Universidade de Coimbra; Lentes e mais Pessoas que compõem o Claustro Pleno da mesma Universidade.

**OFFICIO.**

Ministerio do Reino.— Direcção de Instrucção publica — 2.ª Repartição — 1.ª Secção — Illm.º e Exm.º Sr. — Tenho a satisfação de enviar a V. Ex.ª a Carta Regia de 31 de Dezembro do anno findo, pela qual Sua Magestade El-Rei, Annuindo ao que por V. Ex.ª lhe fora lembrado e pedido por parte da Universidade no Acto Solemne da distribuição dos premios, Se Dignou declarar-se Protector da Universidade, nos honrosos termos constantes da mesma Carta Regia, que eu não consenti fosse escripta por algum dos officiaes desta Direcção Geral, a meu cargo, para o fazer pela propria letra, querendo como filho agradecido da Universidade, e seu Membro, testemunhar por este unico modo que me era possivel, os sentimentos de elevada veneração que lhe consagro, e a parte que tomo em tudo quanto possa concorrer para o seu maior esplendor.

Cumpre-me tambem por esta occasião assegurar a V. Ex.ª, que o Exm.º Ministro e Secretario d'Estado d'esta Repartição mostrou todo o interesse e satisfação em apresentar a Sua Magestade os votos da Universidade, expressados por V. Ex.ª, como digno orgão de tão authorisada, e illustre corporação — Deus Guarde a V. Ex.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 2. de Janeiro de 1861. — Illm.º e Exm.º Sr. BASILIO ALBERTO DE SOUSA PINTO, Reitor da Universidade de Coimbra — DR. JOSÉ MARIA D'ABREU.

**SENIOR!**

A confiança dos Reis no amor dos povos é o testemunho mais solemne da lealdade de uns, e da fidelidade d'outros; é a garantia mais segura da prosperidade de todos.

Unidos do coração á Realeza, conquistaram nossos maiores, palmo a palmo, o terreno, que hoje pisamos; levaram armas victoriosas a novos mundos; e firmaram nos campos d'Ouirique e Aljubarrota a liberdade, e independencia, que hoje gosamos.

A Realeza d'aquelles tempos não era a vontade caprichosa d'um, dominando a vontade do

Tem havido por aqui  
Brilhantes reuniões,  
Aonde muitos ratões  
Tem estendido a perninha  
Gorda, sècca, e alé magrinha.

Uma das meninas Melles  
Fez annos um destes dias;  
— Praseres e alegrias  
D'eterna recordação,  
Do festejo foi a acção. —

Muitas Damas á porfia  
Lindos vestidos trajavam;  
Bellas prendas tributavam,  
A'quella que sentadinha  
Era da festa a rainha.

O' prima, esta Senhora  
E' por mim admirada!  
— E' esperta, é delicada,  
E seus olhos são estrellas  
A surgir no Ceu tão bollas.

Declaro que se não fosse  
Meu estado de barbeiro,  
(Palavra de cavalheiro)  
Hia com descaramento  
Pedir a p'ra casamento.

E quem não liver meu gosto,  
Ria com força e desdém;  
Que p'ra mim será um bem:  
— Pois tendo os outros diversos  
Posso fazer destes versos.

A nossa sociedade,  
Cumprindo o regulamento,  
Deu um bom divertimento;  
— Muitas Damas recebeu,  
E um bom chá lhes offereceu.

Servidas foram com mimo  
As bellas encantadoras:  
(Inda que não m'recedoras  
De — bellas — algumas sejão,  
Assim muitas se cortejão).

Algumas carinhas novas  
Que a dançar se apresentaram,  
Ao disfructe se prestaram:  
Estas pobres creaturas  
Soffreram mil pizaduras!

Tenho pena das meninas  
Que se julgam mui formosas  
E em tudo primorosas:  
A estas, um azorrago  
Pede tributos lhes pague.

Vestidos ali se viram  
Mui ricos e bem bordados,  
Mas poucos admirados,  
Da toilette a belleza,  
Não provem só da riqueza.

Qualquer vestido de chita,  
Duas fitas, uma rosa,  
Faz uma Dama formosa:  
Quem tem gosto, mimo e arte,  
Realça-se em toda a parte.

A D. A... E.... Freitas  
Com lindo gosto trajava;  
E tudo que a enfeitava,  
Fazia que com primor  
Deslumbrasse o seu fulgor.

Minha prima o tempo insta  
P'ra q'eu já mo vá deitar:  
Chuva o frio é de matar;  
Soárão já oito óras  
E p'ra mim já são deshoras.

Adous prima, já não posso  
Escrever mais uma linha.  
Agora queira a priminha  
Ser comigo delicada:  
— Dar-me um dia igual massada. —

todos; mas era uma instituição forte e salutar, que zelava e defendia os interesses dos povos; era um centro firme e permanente, á roda do qual se moviam as forças do estado, sem se combaterem; era o motor, que dava impulso energico e vigoroso á machina social, sem a abalar.

A Realeza, considerada n'esta sua missão, nobre e elevada, brilha na cupula do Edifício social, como o sol no firmamento: é a representante da Divindade sobre a terra: e os Reis que sabem desempenhar o alto pensamento, que n'ella domina, tornam-se credores, não só do respeito e amor dos povos, senão tambem do seu culto e adorações.

Tal é, Senhor, a origem nobre e pura do culto e adorações, que todos tributamos a Vossa Magestade. Não é a adulação, nem a lisonja, que os dictam; mas é a gratidão e a justiça; porque, se corações livres não devem ser aduladores, nem lisonjeiros, tambem não devem ser ingratos, nem injustos.

Descendente dos Affonsos e dos Dinizes, Vossa Magestade, Senhor, tem sabido ser, como Elles, Pae dos povos confiados aos seus cuidados. Procedente da Heroico Raça Joannina, tem sabido ser, como ella, strenuo defensor da independência e integridade da Monarchia Portugueza. Neto do Immortal Duque de Bragança, tem sabido firmar o Throno Portuguez na liberdade que elle nos deu, á custa de duas corôas e da propria vida.

Esta liberdade, Senhor, que tão cara custou a Elle, e a nós, é o alvo, a que apontam todos os nossos desejos: se estamos divididos sobre o modo de a gosar, estamos unidos no pensamento de a defender: não ha ahí coração verdadeiramente portuguez, que se não revolte com a ideia do despotismo.

Mas a liberdade tem seus perigos. Se é um sol que vivifica, tambem é um fogo que abráza: se é uma chuva, que refrigera, tambem é uma tempestade que assolla: e por isso é preciso pôr-lhe limites, alem dos quaes a esperam a anarchia e o despotismo.

A severidade da disciplina domestica temperava nos povos antigos os excessos da liberdade: o cidadão romano, livre na praça, era escravo na familia. Mas a liberdade d'hoje tem outra natureza: é a emancipação completa do individuo, tanto politica, como civil: e por isso sómente a sciencia lhe pôde marcar limites, que sejam justos e honrosos. A sciencia mostra, na ordem das ideias, o que é bom, e o que é justo; na ordem dos factos, o que é possível. Mostra que a par do direito anda o dever; e que o cumprimento d'um é condição indispensavel para o gôso do outro. Assim impõe limites a essas ambições desordenadas, que, á sombra da liberdade, querem gosar direitos, atropelando e calcando aos pés os deveres mais sagrados.

Feliz consorcio da sciencia com a liberdade! A sciencia fortalece, modifica, e consolida a liberdade: a liberdade fecunda o genio, anima, e vivifica a sciencia com as suas inspirações. Nos povos livres, as ideias grandes e nacionaes, que a sciencia apura, passam para o dominio dos factos, sem abalo, nem commoções; nos povos sujeitos ao despotismo, para vingar uma ideia grande, é precisa uma revolução.

Nas nações, aonde a sciencia existe, as ideias nacionaes elevam-se; os pensamentos communs fortificam-se; desterram-se os erros e prejuizos em todos ramos d'administração e industria; a liberdade torna-se discreta e regrada; as auctoridades são respeitadas e obedecidas; e a felicidade pública prospera á sombra da paz, da ordem, da segurança, e da liberdade.

Pelo contrario: nas nações, aonde a sciencia falta, as ideias nacionaes rebaixam-se; os pensamentos communs desmoralizam-se; perpetuam-se os erros e prejuizos em todos os ramos d'administração e industria; a licença toma o passo á liberdade; as auctoridades são desobedecidas, a mesma Divindade é desacatada, e a felicidade pública exhala o ultimo sópro da vida nas agonias d'um despotismo feroz, ou d'uma anarchia abjecta.

Convencidos d'estas verdades, os Principes Portuguezes, diz o erudito João Pinto Ribeiro, por entre o estrondo e confusão das armas, não se descuidaram de favorecer e amparar as letras. A esta conta, o Conde D. Sysnando, logo que recuperou o senhorio de Coimbra, fundou nella um seminario de moços, que, estudando as sci-

encias, podessem allumiar e illustrar com ellas todo o reino. Este feliz ensaio, quicá, diz o mesmo escriptor, despertou em El-Rei D. Diniz a ideia de estabelecer em Coimbra aulas publicas, nas quaes embebeu o seminario de D. Sysnando; e por isso mereceu, que o nosso Camões lhe levantasse, no seu immortal Poema, um padrão de gloria, mais perenne e duradouro, do que se fôsse aberto em marmore, ou em bronze.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso officio de Minerva:  
E d'Helicon a Musas fez passar-se  
A pizar do Mondego a fértil herva.

Ainda D. Affonso IV e D. Fernando I tentaram separar as musas das margens do Mondego; porém, vendo D. João III, que definhavam de mingo e saudade, como o proscripto longe da patria, restituiu-as ao seu antigo e nobre solar. O Senhor D. José I, alargou-o e engrandeceu-o com ricos estabelecimentos, e com uns estatutos, que ainda hoje são considerados como um monumento de sabedoria, por nacionaes e estrangeiros, que os sabem ler e apreciar.

A Senhora D. Maria II, de sempre saudosa memoria, declarando-se protectora da Universidade, elevou-a, com duas reformas, a tal altura, que não tem que recear competencias com as mais abalisadas da Europa.

Por Vossa Magestade, Senhor, tem sido ella considerada como o florão mais brilhante da corôa portugueza; porque enlaça n'esta a sciencia com a liberdade.

A Universidade é a representação viva de todos os conhecimentos humanos: é o templo, aonde se conserva, sempre acceso, o fogo sagrado das sciencias, cuja luz reverbera em todo o reino, espalhada pela mocidade academica iniciada nellas por professores dedicados ao seu ensino. Estes procuram infundir no espirito e no coração dos seus discipulos a sua intelligencia, as suas ideias, as suas virtudes e a sua propria alma; e folgam de as ver n'elles accrescentadas e medradas, ainda que fiquem esquecidos á sombra do seu brilho, como o jardineiro á sombra do brilho da flor, que cultivou com tanto disvelo; porque a sua recompensa está na sua consciencia. Trabalhar para o presente e para o futuro; entregar á patria augmentado e melhorado o deposito que lhe foi confiado pelos paes; concorrer para tornar a mocidade as delicias das familias, a honra da Universidade, e as esperanças da patria; é uma gloria modesta, porém a mais solida, que ha no mundo.

Os braços d'esta gloria são esses moços estudiosos e morigerados, que vão alcançar a elevada honra de receber da regia mão, as palmas e as corôas, que a patria tem destinado para os seus filhos mais queridos e mimosos. D'elles ha de sahir o sacerdote probo e illustrado, que, prégando, mais com o exemplo, do que com a palavra, a moral sancta do Evangelho, as suas expressões são brazas vivas em corações de cera, que chamam para o rebanho do Senhor as ovelhas desgarradas pelo demonio das grandezas e illusões do mundo.

Ha de sahir o magistrado integerrimo, que sustentando com mão firme a balança da justiça, a sabe repartir igual a todos, ao rico e ao pobre, ao grande e ao pequeno, ao poderoso e ao desvalido.

Ha de sahir o medico, bemfeitor da humanidade, que, como sacerdote do sagrado fogo da vida, véla noite e dia á cabeceira do doente confiado aos seus cuidados; e animado pelo amor do proximo, e pelo exemplo do seu Rei, não duvida affrontar os terriveis flagellos, com que a Providencia se apraz de castigar, de quando em quando, os peccados dos homens, que bradam ao céu.

Ha de sahir o mathematico profundo, que depois de medir com o pensamento e com o compasso a extensão da terra, se abalança ao céu, para ler n'elle o curso dos astros, a hora dos eclipses, a variação das estações, a rota das viagens, e o futuro da humanidade; porque as profecias do nosso destino estão escriptas, com letras d'ouro, na abobada celeste. É impossivel levantar os olhos ao céu, n'uma noite serena, sem elevar o espirito ao Creador, e adorar-o n'um extasis da fé mais viva, e da crença mais piedosa.

Ha de sahir finalmente, d'essa mocidade estudiosa e morigerada, o philosopho sagaz e pers-

crutador, que surprehendendo a natureza nos seus mysterios mais reconditos, rouba a Jupiter o raio, a luz a Apollo, a Eólo os ventos, o tridente a Neptuno, a Vulcano o fogo, e a Ceres os ricos thesouros, escondidos nas entranhas da terra.

Mas não se pense, que esse viveiro de moços, estudiosos e morigerados, se limita áquelles, que vão receber premios e corôas; estende-se a todos os que trabalharam por ellas; porque o estudo é uma semente, que lançada á terra, nunca morre. Nos jogos olympicos, tão celebrados na antiga Grecia, o premio era destinado sómente a um athleta, porém, todos tiravam recompensa de haverem combatido; porque se adestravam na arte da guerra, que fazia, naquello tempo, a grandeza dos povos. O mesmo succede hoje com os nossos jogos litterarios: os premios chegam a poucos; porém todos os que se exercitam nelles, colhem fructo; porque se adestram na luta das sciencias, que fazem hoje a gloria dos individuos, e a grandeza das nações.

Recebi pois, illustres mancebos, em vosso nome, e como representantes de todos, o premio, não só dos vossos estudos, senão tambem dos vossos costumes moraes e religiosos; porque a sciencia, sem moral, nem religião, é como o navio, lutando com as ondas, sem ter leme que o governe, nem ancora que o segure, cujo naufragio é certo: e (com grande magua o digo), é este o mal, que hoje nos consome.

Porém, no meio da maior corrupção dos povos, sempre a Providencia tem destinado almas fortes e corajosas para darem testemunho de verdade contra a mentira, da sciencia contra o erro, da justiça contra a iniquidade. Sêde vós, illustres mancebos, os apóstolos desta missão divina; sêde os martyres d'esta religião santa, e sereis os redemptores da vossa patria.

A protecção de Vossa Magestade, Senhor, será o meio mais effizaz para conseguir este fim tão grandioso.

A Universidade não pertende ser reintegrada nos monopolios, que gosaram todas as da meia idade: secularizada pelo Senhor D. José I, não pretende cubrir-se com o manto da igreja, para disfructar rendas e privilegios: esse tempo já lá vae; e ella conhece de sobejo a epoca, em que vive, para não nutrir tão loucas pretensões. Mas quer que lhe deem aquillo, que pela sua natureza lhe pertence: quer gosar o direito commum, que a ninguém se pôde negar n'uma sociedade civilizada: quer que o Estado lhe forneça as condições necessarias para se collocar á frente de todo o desenvolvimento intellectual, moral, civil e religioso, que é o seu fim e o seu dever. Negar-lhe aquellas condições, e arguil-a de não cumprir este dever, seria nma injustiça que o coração de Vossa Magestade, tão justo, como sabio, não poderia consentir.

E' grande, é maravilhoso esse movimento d'espiritos, fecundando todos os elementos de prosperidade material, que Deus tem confiado á actividade humana: mas este movimento deixaria d'existir, no momento em que lhe faltasse o bafô da sciencia; porque sómente ella pôde descobrir os segredos e as forças da natureza, para as sujeitar ao imperio do homem, no que consiste a verdadeira liberdade, o verdadeiro progresso, e a verdadeira civilização.

Digne-se pois Vossa Magestade declarar-se Protector da Universidade, como o tem sido os seus augustos predecessores. Hoje que os caminhos de ferro vão fazer de Coimbra um arrabalde de Lisboa, digne-se Vossa Magestade fazer della uma nova Cintra; e passando no remanso das aguas do placido Mondego, algum tempo, livre dos cuidados e bolicio da capital, não só gosará, na companhia das musas, que lhe são tão gratas, os dias mais felizes da sua tão preciosa vida, mas a Universidade, pulando e crescendo em sciencia e virtudes, á sombra, e com o exemplo de Vossa Magestade, e de seus augustos irmãos, espalhará a luz daquellas por todo o reino, e a gloria do nome de Vossa Magestade por todo o mundo.

## NOTICIAS DIVERSAS.

Por Decreto de 16 de Janeiro serão nomeados os Juizes Substitutos para as Comarcas do Districto Judicial da Relação do Porto.

Os nomeados para esta nossa commarca de Barcellos são.

Bacharel José Barrozo Pereira de Matos  
Bacharel Aires de Mendanha da Costa Benevides Cyrne  
Carlos Maria do Valle Vessadas  
Bernardo Limpo da Fonseca.

**AÇÃO GENEROSA.** — A senhora marquesa de Saldanha e condessa do Bolhão acabam de oferecer ao Bom Jezus da Cruz 4 ciprestres artificiaes com as competentes jarras de madeira douradas, e laçadas correspondentes; e tudo feito com toda a perfeição e riqueza.

Não ha muito que s. exc.<sup>as</sup> ofereceram uma banqueta de ralhos artificiaes para o altar de Nossa Senhora das Dóres, e menos ha ainda, que mandaram limpar e refrescar todo o retabulo dourado dos dous altares de Nossa Senhora das Dóres e do Bom Jezus.

S. exc.<sup>as</sup> não cessão de praticar obras de caridade não só com os estabelecimentos Religiosos como tão bem com a classe pobre. E' uma familia que tem de deixar a Barcellos saudosas e sentidas recordações. Deus a conserve no seio d'esta terra, que tambem lhes quer.

**DEOS NOS DÊ JUZO.** — Anda por aí uma doida, que nos dizem ser de Cabreiros concelho de Braga, que não tendo habitação certa, se deitou na quarta feira à noite nas guardas do adro da capella da ponte, e ao virar-se cahiu ao quintal do sr. Marquez. A altura será de 10 a 12 metros: a felicidade d'ella foi cair sobre uma lenha: quando o sr. Baptista se recolhia serião 10 horas da noite, ouvio-a gritar, e prestando-lhe todos os socorros a levou para casa: apenas se deitou n'uma cama, começou logo a cantar, que he a sua mania dominante: felizmente não teve perigo.

**MASCARADA.** — Para não faltar á verdade de noticiarista, que não deve mentir ainda em caso de necessidade; a mascarada em Barcellos teve alguma coisa de desanimação, mas só em quanto diz respeito ás que passeavam pelas ruas: e ao contrario houve como em anno algum grande animação de mascaradas em algumas reuniões com que alguns amigos nos obsequiarão. Sahio na terça feira uma parodia á Fábria, que á dias tinha sido representada pelos nossos curiosos no theatro.

**NÃO FOI ASSIM.** — Na diversa que copiamos do «Jornal do Porto» com a epigrafe, conflicto entre portuguezes e hespanhoes, dizia-se que os gados tinham sido tomados pelos guardas hespanhoes; que tinham sahido dous destacamentos de Bragança; e que tinham sido mortos 7 gallegos; e a verdade é a final esta.

O gado foi tomado por gente portugueza; os gallegos armaram-se com chuço, armas de fogo e fouce, e obrigarão a retirar uma pequena força portugueza que estava na raia, mas que lhe matou um gallego; e de Bragança não sahio força alguma.

Assim contão de Chaves ao mesmo jornal, e ao nosso collega do *Commercio do Porto*.

**O «CABRION.»** — Este jornal burlesco, que se publicava em Lisboa, suspendeu a sua publicação. A empresa viu-se obrigada a isso por ter sido mal recebida uma caricatura allusiva á familia real.

**THEATRO.** — Os curiosos que cá se achão, dão hoje uma recita extraordinaria. As comedias escolhidas convidão ao espectáculo: são todas de excellento gosto

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

No dia 4 abriu o imperador dos francezes a legislatura de 1861.—No seu discurso, relata e faz a apologia das reformas politicas e economicas nos seus Estados; e na parte relativa á politica externa, diz que se tem esforçado por provar ás potencias estrangeiras, que a França desejava sinceramente a paz; que sem renunciar a uma legitima influencia, não pretendia ingorir-se em nenhuma parte aonde seus interesses não estavam em jogo; por ultimo, que se tinha sympathias por tudo o que é nobre e grande, não vacilava em condemnar tudo o que violava o direito das gentes e da justiça.

Que o seu governo, d'accordo com os seus aliados, havia acreditado na efficacia do principio de não intervenção, nos difficeis successos que tinham vindo complicar a situação da Italia, de si já embaraçosa, como melhor meio de conjurar maiores perigos, pois deixa a cada paiz senhor de seus destinos, localiza as questões, e impede que degenerem em conflictos europeos.

Que para vingar a honra da França no ex-

tremo Oriente, a sua bandeira, unida á da Gran-Bretanha havia ondeado victoriosa nas muralhas de Pekin.

Que em nome da humanidade, as suas tropas tinham hido á Siria, em virtude de um convenio europeu, a proteger os christãos contra um cego fanatismo.

Que em Roma havia julgado dever augmentar a guarnição, quando parecia ameaçada a segurança do Padre Santo.

Que enviara a sua esquadra a Gaeta, no momento em que lhe parecia ser ella o ultimo refugio do rei de Naples: que depois de a ter ali conservado quatro mezes, a fez retirar, por muito digno que fosse de sympathia um infortunio real, supportado com tanta nobreza. A presença da esquadra obrigava a separar-se todos os dias do systema de neutralidade, que elle já havia proclamado, e dava lugar a interpretações erroneas.

A maioria da imprensa de Londres vê neste discurso, cujo extracto resumimos, uma reserva que censurar.

O discurso da corôa, na abertura do parlamento Inglez, é mais expressivo, com relação á politica externa.—O governo inglez está d'accordo com o de França para não permittirem intervenção alguma nos negocios da Italia, deixando inteira liberdade aos povos d'aquelle paiz para os arranjar como julgem conveniente.

No caso porém de guerra, que qualquer eventualidade pôde fazer estalar, o governo inglez declara que não pôde deixar de tomar parte n'ella em favor da liberdade da Italia.

Por um despacho telegraphico, que encontramos na «*Epoca de Madrid*», consta que a camara prussiana declara por maioria de 13 votos, contra o parecer do governo, que nem a Prussia, nem a Alemanha têm interesse em se opporem á constituição d'um reino unido na Italia.

Capitulou enfim a praça de Gaeta.—Depois de lhe ter sido derribada uma cortina da praça, de ter soffrido a explosão de dous paioes, de grandes estragos na cidade, e d'um sem numero de victimas, inclusive a Rainha mulher de Francisco II, causadas pelos projectis, que lhe foram successivamente lançados pelos sitiadores: já não era possível prolongar-se por mais tempo esta luta.

### DESPACHOS TELEGRAPHICOS.

**LONDRES, 6.** — Lord John Russel, respondendo na camara a Disraeli, declarou que a Inglaterra é favoravel á unificação da Italia; que Inglaterra e França estão d'accordo na não intervenção, e já preveniram o governo sardo; que desapprovariam todo o ataque ao Veneto; que esperam continuara a paz da Europa; que a Austria arranjará os seus negocios internos, e a Prussia os da Dinamarca.

«Porém se a guerra geral, disse lord Russel, estallasse; se a marcha dos successos pozesse em perigo um Estado que nos merece profundas sympathias, nós ver-nos-hiamos precisados a tomar parte na guerra, e é por isso que o governo deseja ardentemente a paz da Europa.

**BERLIN, 6.** — A camara approvou por 139 votos contra 116, uma emenda de Vimeke, em que se consigna que a constituição d'um reino de Italia não se oppõe aos interesses da Prussia, nem aos da Alemanha. Esta emenda foi energeticamente combatida por Schleinitz.

Os despachos que annuncião a capitulação de Gaeta dizem, que a capitulação teve lugar no dia 13, e no dia 14 devia o general Cialdini occupar com todas as forças o monte Orlando, e as fortificações.

Que no dia 15 seria occupada a praça depois da sahida da familia real, que partiria com a sua comitiva na corveta franceza *La Muelto*.

Que a guarnição se conservaria prisioneira de guerra até á rendição de Messina e Civita del Trento.

## ANNUNCIOS.

**Pela Administração do Concelho de Barcellos se faz saber que as inspecções para julgamento de reclamações do presente recrutamento, affectas á Junta de revisão, terão lugar no Governo Civil 3 vezes por semana, segundas, quar-**

**tas, e sextas-feiras ás dez horas da manhã, começando no dia 15 deste mez de Fevereiro, e terminando dentro de 30 dias, devendo por isso os interessados apresentarem-se nesta Administração do Concelho a sollicitarem guia pelo menos tres dias antes da sua apresentação em Braga.**

## CASA FELIZ.

PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

4.ª EXTRACÇÃO DO 1.º TRIMESTRE. PRÉMIO GRANDE

R. \$ 10:000:000.

## CUNHA & RORIZ.

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Tem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 39000, meios ditos, a 2600, quartos, a 1300, e cautelas de 500 reis e 230, cuja extracção terá lugar no dia 19 do Fevereiro.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe; e remetem aos seus freguezes as listas dos premios.

**OS MESMOS** venderam da ultima loteria a parte dos seguintes premios em quarto, e cautelas de 500 e 230 reis.

4503.....	1:000\$000
128.....	100\$000

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

### A ÉPOCA.

Este jornal politico vai já no segundo anno da sua publicação. As suas columnas contem artigos sobre a politica interna e externa, a parte official na sua integra copiada do *Diario de Lisboa*, noticias nacionaes, estrangeiras, e commerciaes, e um folhetim descrevendo os successos mais interessantes e curiosos.

Para facilitar a sua leitura a todas as classes, o proprietario estabeleceu metade dos preços para os artistas, operarios, e para o clero, do seguinte modo:

LISBOA

Trimestre 1\$500 rs. — Semestre 2\$800 rs. — Anno 5\$000 rs.

CLERO, OPERARIOS E ARTISTAS  
Trimestre 750 rs. — Semestre 1\$400 rs. — Anno 2\$500 rs.

PROVINCIAS (COM ESTAMPILHA)  
Trimestre 1\$800 rs. — Semestre 3\$400 rs. — Anno 3\$800 rs.

PARA O CLERO, ARTISTAS E OPERARIOS  
Trimestre 1\$100 rs. — Semestre 2\$100 rs. — Anno 3\$900 rs.

A correspondencia franca de porte deve ser dirigida á rua do Forregial de baixo n.º 26 ao redactor da EPOCA.

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Vallongo e Sousa. — Rua Direita n.º 28.